

MARCA

Jose Agulh ,¹ São Paulo

agulhojr@gmail.com

Minha mãe voltara da missa de um sábado. Ela sempre, aos sábados   tarde, arrumava-se toda, com seus melhores vestidos, sua alfazema e seus cabelos acinzentados, cor de prata, cuidadosamente penteados. Naquele sábado de fevereiro, ela encontrou em casa meu pai, sozinho, assistindo à tv e de forma serena lhe perguntou: “Pepe, você ainda me acha uma mulher bonita?” Ao que o meu pai respondeu: “Claro, Leny, você é a mulher mais linda do mundo!” “Pepe, esquentar uma caneca de leite para mim, eu não estou me sentindo muito bem, vou me deitar um pouco”... Meu pai desligou a tv, foi à cozinha preparou o leite, colocou um pouco numa caneca e foi para o quarto deles. Encontrou minha mãe deitada na cama, com as mãos postas uma sobre a outra e apoiadas sobre a barriga, com os olhos fechados. Meu pai a chamou pelo nome uma, duas, três vezes. Por um momento ele pensou que ela havia adormecido, deixou a caneca com leite sobre o criado-mudo e ia deixando o quarto, quando resolveu voltar e chamá-la novamente. Sete dias depois distribuímos a parentes e amigos o pequeno cartão com o diálogo de despedida: “Pepe, você ainda me acha uma mulher bonita?” “Claro, Leny, você é a mulher mais linda do mundo!”

Tínhamos acabado de sepult -la, eu saía em meu carro com meu pai a meu lado, passávamos pela portaria do cemitério, e perguntei-lhe: “Pai, mamãe entregue, o que o senhor quer fazer ainda?” Ele, sem pensar muito, olhou para mim e disse: “Eu quero rever Vicente Pelizzia”. “Quem é esse Vicente?”, perguntei surpreso. “Um grande amigo de infância... Tem 80 anos... Nasceu no mesmo dia que eu...”. Meu pai nunca havia falado de Vicente Pelizzia até então. “Você nunca nos falou dele. Esse cara t  vivo, pai?”. Meu pai, com um olhar grave, respondeu: “Você me perguntou o que eu quero. Eu quero rever Vicente Pelizzia”.

Meu pai nasceu na Argentina, numa cidade quatro horas ao norte de Buenos Aires. Veio adolescente para o Brasil e nunca mais retornou. Naquele dia, no cemitério, resolvi levar meu pai até a sua cidade natal e em todas as vezes que perguntei a ele se o amigo estava vivo meu pai sempre respondeu: “Você me perguntou o que eu quero. Eu quero rever Vicente Pelizzia”.

1 Psicólogo, palavrador, conselheiro e consultor em empresas públicas e privadas.

Em abril, dois meses após o falecimento de minha mãe fomos meu pai, eu, minha esposa e uma tia dela para Buenos Aires. Eu não levava nenhuma referência de onde pudesse encontrar Vicente Pelizzia. Minha intenção era levar meu pai a Buenos Aires, ficar ali por três dias e retornar ao Brasil.

Na noite do terceiro dia que estávamos em Buenos Aires, bati na porta do apartamento do hotel em que meu pai estava instalado e entrei. Meu pai estava organizando as suas roupas e pertences na mala: “O que o senhor está fazendo, pai?” – perguntei-lhe apreensivo. “Você está me *engalobando* [engandando]... Já ficamos três dias aqui... Eu não vim aqui para passear... Estou indo rever Vicente Pelizzia!”. Abracei-o e disse que iria alugar um carro no dia seguinte e que nós iríamos até a sua cidade natal. “Não, vá à rodoviária, compre passagens só para nós dois... Vamos e voltamos amanhã mesmo”. Assim eu fiz.

No dia seguinte, chegamos bem cedo à rodoviária. Apontei para meu pai as placas indicativas das plataformas de embarque e disse a ele o número da plataforma de que sairia o ônibus com destino a várias cidades, entre elas, aquela onde ele nascera. Meu pai aumentou as passadas e foi em direção à plataforma que eu indicara. Quando chegamos, havia um casal de idosos sentados em cadeiras da plataforma. Meu pai aproximou-se, cumprimentou o casal e perguntou, dirigindo-se à senhora, qual era o destino deles. A senhora respondeu o nome da cidade para a qual estavam indo, e meu pai perguntou se ela conhecia a cidade natal dele. A senhora disse que sim e que havia morado lá durante vários anos. Meu pai perguntou à senhora se ela conhecia Vicente Pelizzia. Aproximei mais de meu pai, abracei-o e esperei tenso pela resposta. A mulher demorou-se um pouco, olhou para o marido. Então, os dois balançaram juntos a cabeça em sinal de afirmação. Foi a senhora quem disse: “Sí”.

Eu me sentei à janela, meu pai no corredor e o casal nas poltronas ao lado. Foram conversando, os três, durante duas horas e meia (tempo de duração da viagem até a cidade onde o casal desceu). Vicente Pelizzia entrara e saíra da conversa por diversas vezes, e eu não sabia se ele estava vivo ou não. Na primeira meia hora de viagem pedi ao meu pai que ele perguntasse ao casal: “Pergunta, pai, pergunta”. Eu estava com receio de dizer claramente para ele perguntar se Vicente Pelizzia estava ou não vivo. Ele, incomodado: “Perguntar o quê, rapaz?”

Fiquei calado todo o tempo que restou do momento em que o casal desceu até quando chegamos à cidade natal do meu pai. Descemos do ônibus, e eu fui direto comprar as passagens de volta. Meu pai vinha atrás de mim. Eu estava no guichê, e meu pai debruçou-se sobre o balcão e perguntou à jovem

que nos atendia: “Conheces Vicente Pelizzia?” A jovem respondeu que não, eu disse a ele que iríamos procurar um catálogo de telefones, uma delegacia de polícia, enfim, algum lugar onde pudéssemos ter alguma informação sobre Vicente Pelizzia. Meu pai disse que gostaria de caminhar pela cidade.

A cidade natal de meu pai, na verdade, é até hoje muito pequena. Meu pai colocou as mãos para trás e saiu andando lentamente pelas ruas e de quando em vez perguntava a um e outro se conhecia Vicente Pelizzia. Foi assim que, perto de duas horas depois, deparamos com uma senhora na sacada de sua casa, e meu pai dirigiu-se a ela, perguntando: “Conheces Vicente Pelizzia?” Antes de a senhora responder, saiu da garagem da casa um jovem e disse: “Meu tio, por quê?” Fui para mais perto do meu pai, meu coração estava aos saltos, coloquei o meu braço sobre os seus ombros e aguardei que ele perguntasse, afinal. Meu pai não perguntou, aumentou o tom de voz e disse: “Me levas até ele?” O jovem disse: “Um minutinho, por favor, que vou buscar as chaves do meu carro...” Enquanto o rapaz foi para dentro da casa e voltou fiquei em silêncio olhando para os olhos de meu pai. Eles estavam absolutamente serenos. O rapaz nos colocou dentro do carro dele e nos levou até a casa de Vicente Pelizzia.

Vicente Pelizzia não estava em casa. Ficamos na calçada em frente e depois de poucos minutos vimos um senhor baixo, mas forte, vindo em nossa direção. Meu pai me disse “É ele”, indo ao encontro de Vicente Pelizzia. Abraçou forte o amigo e, com lágrimas nos olhos, disse que havia vindo do Brasil apenas para revê-lo. Eu estava experimentando um dos dias mais plenos da minha vida.

Passamos o dia inteiro com Vicente Pelizzia, sua esposa e seu neto de 8 anos de idade. Meu pai esgotou toda a sua energia. Quando entramos no ônibus para retornarmos a Buenos Aires, acomodei meu pai sentado à janela. Esperei que ele relaxasse, coloquei a mão direita atrás do pescoço dele e, fitando diretamente nos olhos, indaguei: “Pai, você vai me responder com toda a sinceridade, você nunca cogitou desse cara estar morto? Em nenhum momento você pensou que poderia não o encontrar?” Meu pai jamais compreendeu o que significou para mim a sua resposta naquele entardecer de abril de 1994, em Salto, Argentina. “Como, se era tudo o que eu queria?”

Meu pai veio dormindo durante as quatro horas de viagem de retorno a Buenos Aires, e eu, profundamente emocionado, com uma pergunta que, de vez em quando, ainda me faço: “Quem é meu Vicente Pelizzia? Ou, por outra, o que eu quero fazer ainda?”



Arising
Meg Harris Williams